

ESCOLA DE FÉ E POLÍTICA WALDERMAR ROSSI – EFPWR

Trabalho de Conclusão de Curso

Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Ana Gabriela Mattos
Ana Prince
Andresa Botelho
Gesley Fernandes
Isabel Regina Felix
Thiago Alcântara da Silva
Victor A. G. Seixas

**São Paulo
2021**



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Introdução

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu na primeira reunião do grupo responsável por sua realização. Ao nos apresentarmos, percebemos que todos nós, de alguma forma, atuávamos ou já havíamos atuado com jovens. No mesmo encontro, ao conversarmos sobre o grande crescimento do número de pessoas em situação de rua, nos perguntamos se existiriam políticas públicas e ações da sociedade civil voltadas, especialmente, para jovens nessas condições.

Assim, o objetivo deste trabalho é o de obter informações acerca dos jovens (de 15 a 29 anos) em situação de rua, na cidade de São Paulo; conhecer políticas públicas e projetos que vem sendo realizados; e, por fim, propor ações que possam contribuir para a transformação dessa realidade.

O método escolhido para o estudo é o Ver-Julgar-Agir que, de acordo com Antonio de Lisboa Lustosa Lopes e Cassiano Alberto Pertile, foi criado e aplicado pelo padre belga Joseph Cardjin, ainda em meados de 1920, em grupos de jovens operários, como uma tentativa de responder à difícil situação em que essas pessoas viviam. Os autores informam que no Brasil o método foi utilizado pelo Movimento de Educação de Base (MEB) e pelo Movimento de Cultura Popular, no Recife (com o engajamento de Paulo Freire e Miguel Arraes), tendo sido adotado pela Teologia da Libertação. (LOPES E PERTILE, 2020, p.33, 35, 36 e 40).

O Ver-Julgar-Agir apresenta-se como um itinerário composto de três etapas: “parte das realidades concretas e suas dificuldades, passando pela iluminação das mesmas à luz do Evangelho, para se chegar às ações concretas de transformação” (LOPES E PERTILE, 2020, p. 37).

Neste TCC, a primeira etapa foi construída com base em dados contidos no Censo da População em Situação de Rua 2019, em artigos publicados na internet, em informações disponíveis no site da Prefeitura de São Paulo (PMSP), no levantamento de organizações não governamentais (ONGs) que atuam junto a pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo e em pesquisa acerca de leis e práticas para educação de jovens em situação de rua.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Os integrantes do grupo à frente deste trabalho são:

Ana Gabriela Mattos: moradora do bairro Jardim Íris, em Pirituba (SP) e estudante de ensino médio na ETEC Albert Einstein.

Ana Prince: moradora da região leste da cidade de São Paulo (SP), Parque São Lucas, setor Vila Alpina. Atua na comunidade Santo Antônio, no Centro de Cursos de Capacitação da Juventude (CCJ) e no Curso de Dinâmicas para Líderes (CDL).

Andresa Botelho: moradora do bairro Parque São Rafael, zona leste, é formada em Técnico de Enfermagem. Leiga da paróquia São Marcos Evangelista, onde é também catequista, coordenadora da catequese com jovens /adultos e Crisma, assessora da Pastoral da Juventude e membro das Pastorais: Social, Liturgia, Catequese, Comissão Catequética e Brigada de Incêndio da mesma paróquia. É estudante de Mariologia pela Locus Mariologicus (Roma/Brasil) e Teologia pelo Centro Pastoral Belém.

Gesley Fernandes: morador da zona central de São Paulo (SP), com formação e atuação em Administração Pública e também formação em Teologia.

Isabel Regina Felix: moradora do bairro Tatuapé, zona leste de São Paulo (SP). Com formação em História, tem se dedicado a estudos na área da História Social. Atualmente, colabora com a Associação de Integração Campo-Cidade (MICC), como coordenadora do grupo de compras coletivas de produtos orgânicos no Tatuapé. Também participa de grupo de mulheres voluntárias no bairro.

Thiago Alcântara da Silva: morador do bairro Parque São Rafael, formado em História, é leigo da paróquia São Marcos Evangelista e militante da Pastoral da Juventude e da Pastoral Social, da mesma paróquia.

Victor A G Seixas: morador do bairro Recanto Monte Alegre em Pirituba, região noroeste de São Paulo. Formado em Publicidade e Propaganda, trabalha como comunicador vocacional na Ordem Hospitaleira de São João de Deus. É paroquiano da Paróquia Santa Monica, militante da Pastoral da Juventude, Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e Vocacional. É filiado ao Psol.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

1 . Ver

1.1 Panorama geral – População em situação de rua na cidade de São Paulo

Sabe-se que a Pandemia da Covid – 19 ampliou, de forma global, inúmeros problemas já existentes, sobretudo aqueles gerados e sustentados por um sistema que tem, em suas bases, a crença de que algumas vidas importam menos do que outras. Um desses problemas, que há muito tempo precisa ser enfrentado de forma efetiva, é o de pessoas vivendo em situação de rua.

Quem são elas? Como e onde vivem? Por que estão nesta condição? Quais suas maiores fragilidades e dificuldades? Buscar respostas a estas e outras perguntas é algo essencial, quando se pretende contribuir, de forma positiva, para a transformação dessa realidade, marcada pela desigualdade social, exclusão, violência e preconceito.

Em entrevista publicada em 2020, Igor Rodrigues, coordenador do relatório “Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil - grandes cidades”,¹ destaca que no Brasil não existem muitos dados (principalmente qualitativos) sobre a condição desses cidadãos.

O Estado chega a essas pessoas de maneira muito precária, primeiro, porque há um histórico de políticas higienistas, sanitaristas e repressoras que afasta esses cidadãos do Estado, e o Estado, por sua vez, tem dificuldade de permear o cotidiano dessas populações. [...] o Estado não faz um mapeamento da vida dessas pessoas. Se alguém tem um problema de saúde, qual é o primeiro passo para realizar o tratamento? É ter um diagnóstico. Nesse sentido, não adianta criar uma política pública e não ter um diagnóstico em mãos no sentido de compreender essa população, ou seja, o que eles sentem, qual é a dificuldade, que lugares frequentam, quantos são homens e quantas são mulheres, como é a vida deles, quais são os seus medos, sonhos, planos, o que eles fazem, quanto ganham etc. Tudo isso tem que entrar no diagnóstico, mas no Estado há uma ausência muito grande de dados e de produção de dados. Qual é o resultado disso? O Estado dá tiros no escuro e as políticas públicas acabam sendo um castelo de areia, baseadas numa lógica impositiva em que se pensa em criar uma política para cidadãos em

¹ O estudo reúne informações sobre o cotidiano das pessoas que vivem em situação de rua a partir de uma série de pesquisas realizadas por pesquisadores de diversas universidades durante quatro anos nas seguintes cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Juiz de Fora, João Pessoa e Vitória.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

situação de rua sem partir da realidade concreta. (RODRIGUES, 2020)

Segundo Rodrigues, em São Paulo houve um aumento significativo dos cidadãos em situação de rua (sendo essa informação mascarada nos dados oficiais) e uma diminuição da qualidade de vida dessa população.

1.1.1 Censo da População em situação de rua – 2019 e propostas da PMSP para 2020

Em pesquisa realizada no site da Prefeitura de São Paulo, não obtivemos números atualizados em relação à população em situação de rua. Os dados oficiais, que trazemos aqui, foram obtidos no documento “Relatório final da pesquisa amostral do perfil Socioeconômico” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2019), que integra a “Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo”. Esse trabalho, publicado em 2020, foi realizado em 2019, pela Qualitest Inteligência em Pesquisa, contratada pela Prefeitura.

Em relação à pesquisa feita por amostra, visando obter o perfil dessa população, o texto informa que a mesma foi realizada com 928 pessoas em Centros de Acolhida e 1.072 pessoas nas ruas, totalizando 2 mil pessoas entrevistadas.

| CENSO – POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA 2019 CIDADE DE SÃO PAULO | |
|---|--|
| 24.344 pessoas em situação de rua (aumento de mais de 50% em relação ao indicado no Censo de 2015). | 12.651 – contatadas em logradouros públicos ou na rua |
| | 11.693 – contatadas em Centros de Acolhida |



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Pesquisa amostral – 2 mil pessoas entrevistadas

Em consulta ao relatório final da pesquisa amostral, realizada por meio de entrevistas com 2 mil pessoas em situação de rua, não encontramos nenhum critério específico, que tivesse como foco a obtenção de informações a respeito de jovens. Dessa forma, selecionamos alguns tópicos que, de alguma forma, podem nos ajudar a entender o contexto geral e a pensar em propostas de ação específicas para jovens que vivem nessa condição.

Dados selecionados:

| | |
|-------------------------------------|---|
| Nacionalidade/Naturalidade | <ul style="list-style-type: none">✓ 96,7% brasileiros✓ 55% naturais do Estado de São Paulo✓ 34% naturais da cidade de São Paulo |
| Local de permanência | <ul style="list-style-type: none">✓ 60,4% continuam vivendo na mesma região em que começaram a ficar em situação de rua em São Paulo. |
| Sexo | <ul style="list-style-type: none">✓ 14,6% sexo feminino✓ 85,5% sexo masculino |
| Idade/faixa etária | <ul style="list-style-type: none">✓ 51% entre 31 a 49 anos✓ 22,1% entre 18 e 30 anos✓ 15,9% entre 50 e 59 anos✓ 11,1% 60 anos ou mais |
| Raça/cor/etnia (auto declaração) | <ul style="list-style-type: none">✓ 48,9% pardos e 19,7% pretos (total 68,6%)✓ 26,1% brancos✓ 2,4% indígenas✓ 1,1% amarelos✓ 1,2% não responderam✓ 0,8 não sabem |
| Escolaridade | <ul style="list-style-type: none">✓ 23,9% não concluíram o ensino fundamental✓ 14,1% concluíram o ensino fundamental✓ 20,7% concluíram o ensino médio e 13,4% dos que |



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

| | |
|---|--|
| | <p>chegaram a este nível de escolaridade, não concluíram o ensino médio</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ 1,1% além do ensino médio, concluíram o ensino técnico profissionalizante ✓ 8,3% chegaram ao ensino superior, sendo que 4,1% declararam concluir uma graduação e 0,3% declararam ter pós-graduação |
| Motivos para estarem em situação de rua | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 40,3% conflitos familiares ✓ 33,3% dependência química ✓ 23,1% perda de trabalho ✓ 12,9% perda da moradia ✓ 6,0% separação conjugal ✓ 4,1% problemas de saúde (depressão etc) ✓ 3,9% falecimento dos pais ✓ 2,7% egressos do sistema prisional ✓ 4,2% movimentos migratórios ✓ 0,9% declararam estar em situação de rua porque estavam internados em unidades da rede de saúde ✓ 0,3% por serem egressos do sistema socioeducativo |
| Tempo em situação de rua | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 26,0% a menos de 6 meses ✓ 14,3% de 6 meses a 1 ano ✓ 20,6% de 1 ano a 3 anos ✓ 10,6% de 3 a 5 anos ✓ 11% de 5 a 10 anos ✓ 15,4% a mais de 10 anos |
| Segurança alimentar | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 35,3% responderam que passaram um dia inteiro sem comer nada nos últimos sete dias |
| Alternativas de diversão | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 25,8% relataram que não se divertem ✓ 22,5% frequentam parques públicos ✓ 12,4% consomem bebidas alcoólicas para se divertir ✓ 11,2% participam de atividades culturais ✓ 7,8% frequentam roda de amigos ou conhecidos nas ruas ✓ 7,3% participam de shows públicos ✓ 6,9% utilizam drogas para se divertir ✓ 5,7% participam de jogos de rua ✓ 3,7% fazem sexo para se divertir ✓ 3,2% frequentam centro de convivência da PMSP ✓ Na categoria outros: frequentar bibliotecas (0,16%), encontrar familiares (0,14%), ir a igrejas (0,13%), ir a |



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

| | |
|--|---|
| | baladas (0,12%), frequentar bares e restaurantes (0,12%) etc. |
| Recebimento de benefícios socioassistenciais | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 47,0% declararam não receber nenhum tipo de benefício ✓ 44,9% declararam receber algum benefício de transferência de renda condicionada tipo o Programa Bolsa Família ✓ 3,9% declararam receber Benefício de Prestação continuada (BPC) ✓ 3,0% aposentadoria/pensão ✓ 0,9% auxílio doença ✓ 0,7% auxílio aluguel ✓ 0,5% seguro desemprego. |
| Participação social | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 13,5% declararam participar de algum movimento de população em situação de rua ✓ 10,1% declararam participar de movimento de catadores de materiais recicláveis ✓ 13,8% declararam participar de movimento por luta de moradia ✓ 6,4% declararam participar de movimento LGBTQ+ ✓ 7% declararam participar de movimentos de mulheres ✓ 6,3 declararam participar de outros movimentos ✓ 8% declararam participar de conselhos participativos ✓ 10,4 declararam participar de atividades em escolas ✓ 31,7% declararam participar de instituições religiosas ✓ 6,1% declararam participar de cooperativas ✓ 6,1% declararam participar de associações. |
| O que mais ajudaria a pessoa a sair das ruas | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 48,0% declararam que seria ter emprego fixo ✓ 17,8% ter uma moradia permanente ✓ 5,9% acesso a benefícios financeiros ✓ 5,6% retornar a casa da família ✓ 5,2% superar a dependência de álcool e outras drogas ✓ 2,5% declararam que não sabem ✓ 2,4% declararam que não desejam deixar as ruas ✓ 10,9% apresentaram outros motivo |



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Em 31 de janeiro de 2020 a Prefeitura divulgou, em seu site, o resultado da pesquisa e um pacote de ações para a população em situação de rua, a serem implementadas ainda em 2020. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020a). Entre as ações destacadas no texto, selecionamos as seguintes:

- Ampliação do programa Consultório na Rua – de 19 equipes para 25 equipes;
- Ampliação das Unidades Odontológicas – de quatro para seis unidades;
- Ampliação do Programa Operação Trabalho;
- Aplicação de R\$ 60 milhões em Programa de Locação Social;
- Reforma e requalificação das instalações dos serviços de acolhimento;
- Oferta de espaço para carroças e que garantam o ingresso e a permanência de animais de estimação;
- Promoção de inclusão digital e de acesso a programações culturais, de lazer e de esporte para a população em situação de rua;
- Implantação de Centros de Defesa dos Direitos da População em Situação de Rua, em unidades fixas e móveis, voltados à prestação de serviços, como por exemplo, a garantia do acesso aos serviços públicos.
- Ações para garantir o acesso de crianças, adolescentes e adultos à rede municipal de ensino, e promover as condições necessárias para sua permanência nas instituições. O plano prevê a garantia de matrícula e transferência de crianças e adolescentes em situação de rua, a qualquer tempo.

De todas as ações divulgadas, apenas uma delas (o último tópico da lista acima) faz referência direta a jovens.

1.1.2 Presença de ONGs junto a pessoas em situação de rua

Apesar da atuação precária do Estado na formulação de medidas eficazes e na implantação de políticas públicas, que combatam de maneira decisiva a realidade apresentada, existem instituições de diversos segmentos que atuam diariamente com a população em situação de rua. Como alguns exemplos, temos:



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

SP Invisível

Projeto é coordenado por dois jovens, que atuam principalmente no Centro de São Paulo. Consiste em contar as histórias dos indivíduos, como uma maneira de humanizar e de combater a invisibilidade que atinge essa população. Como consequência, isso conectaria a população de rua com a sociedade. Além disso, eles realizam ações como o “Inverno Invisível”, quando são distribuídos itens de higiene pessoal, alimentos, cobertores, moletons e outros utensílios

Dois pães e um pingado

Projeto social formulado primeiramente no Rio de Janeiro e que chegou a São Paulo em 2017. Todas as quintas-feiras é distribuído café da manhã na região da Praça da Sé. Segundo os voluntários, o objetivo do projeto é tentar levar algum conforto, atenção e carinho a quem tem muito pouco.

Bem da madrugada

O Bem da madrugada é um projeto social colaborativo e sem nenhum vínculo político ou religioso. Segundo o G1, esse é o maior coletivo de rua do Brasil. Suas ações são realizadas da seguinte forma: os voluntários são divididos em equipes (alimentos, bebidas, higiene etc.). Como a maioria das ONGs em São Paulo, eles atuam na região central. Segundo o site, a missão do projeto é “auxiliar na erradicação da fome, da miséria e do abandono, fornecendo itens de alimentação, higiene e vestuário para aqueles que tanto necessitam e encontram-se às margens do alcance das autoridades, dos agentes públicos e da própria sociedade”.

Anjos da noite

Núcleo Assistencial que atende pessoas em situação de rua. O projeto faz doações de alimentos, roupas, calçados e cobertores. Todos os sábados, esses itens são distribuídos na cidade, em lugares como a região da 25 de março, Rua Carlos de Sousa Nazaré, Av. Senador Queirós, Rua da Cantareira (próximo ao Mercadão de São Paulo) e imediações. O grupo de voluntários é composto por pessoas de diferentes idades e religiões.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Fundação Projeto Travessia

Atua na defesa e promoção da garantia de direitos de crianças e adolescentes em situação de risco, visando a melhoria da qualidade de vida e ao exercício da cidadania. Busca ser uma referência no atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco social e, mais especificamente, em situação de rua, com excelência e efetividade, privilegiando a educação social como meio transformador, e colaborando positivamente na formulação de políticas públicas. Projeto mantido por diversas entidades inclusive a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, do Estado de São Paulo.

Projeto Quixote

Instituição sem fins lucrativos, cuja missão é a de transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, através do atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento. O projeto Quixote tem como base cinco frentes de atendimento: Programa de atenção à família, Programa de Educação para o trabalho, Programa Pedagógico e Refugiados Urbanos, Programa Clínico e Psicossocial, sendo este último realizado por meio de parceria com dois serviços da Prefeitura Municipal de São Paulo:

- SPVV – Serviço de Proteção a Vítimas de Violência / CUIDAR: que presta atendimento específico para crianças e adolescentes vítimas de violência e abuso sexual.
- CAPS AD/IJ – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas Infância e Juventude: O CAPS é uma política pública do Ministério da Saúde voltada especialmente para a questão da saúde mental que é aplicada pelo Projeto Quixote.

1.1.3 Pastorais da Igreja Católica

Selecionamos duas Pastorais que têm ligação mais direta com o tema de nosso trabalho: a Pastoral do Povo da Rua e a Pastoral do Menor.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Pastoral do Povo da Rua (cidade de São Paulo)

Coordenação: Padre Júlio Lancelotti

Endereço: Casa de Oração do Povo da Rua, localizada na Rua Djalma Dutra, 3, Bom Retiro/Luz. Telefone: (11) 3228-6223.

A Casa de Oração não é uma prestadora de serviços. Ela é uma comunidade. Nós temos um espaço físico que serve como centro da pastoral e também como espaço de encontros e celebrações, além de articulação dos movimentos da população da rua e dos catadores [...] Ela [a casa] tem uma outra dimensão, de articulação, mobilização e organização dessa população. (BRANDÃO e MONTOIA, 2007).

Pastoral do Menor

Coordenação Arquidiocesana: Sueli Maria de Lima Camargo

Missão: “promoção e defesa da vida da criança e do adolescente empobrecido e em situação de risco, desrespeitados em seus direitos fundamentais”.

Endereço: Praça da Sé – 184 - 8º andar - Conj. 802 – Sé - São Paulo - Telefone: (011) 3105-0722 - E-mail: pastoralmenor@gmail.com.

A Pastoral do Menor se propõe, à luz do Evangelho, estimular um processo que visa à sensibilização, à conscientização crítica, à organização e à mobilização da sociedade como um todo, na busca de uma resposta transformadora, global, unitária e integrada à situação da criança e os adolescentes empobrecidos e em situação de risco, promovendo, nos projetos de atendimento direto, a participação da criança e do adolescente como protagonistas do mesmo processo. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO).

1.2 Jovens em situação de rua

1.2.1 Alguns dados sobre vulnerabilidade e violação de direitos

A Associação Beneficente O Pequeno Nazareno e o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Ciespi/PUC-Rio) – no âmbito do projeto “Conhecer para Cuidar – realizaram, em 17 cidades brasileiras, com número de habitantes superior a 1 milhão (entre elas, São Paulo), uma pesquisa que identificou vários fatores de violação de direitos de crianças e adolescentes em situação de rua ou que já estiveram nessa condição e



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

encontram-se acolhidas em instituições. Alguns desses fatores são: o racismo estrutural, a baixa escolaridade e o trabalho precoce (BOEHM, 2020). Seguem alguns dados resultantes da pesquisa:

- 85% das crianças e adolescentes que vivem nas ruas são negros (soma de pretos e pardos) e, nas instituições de acolhimento, elas são 89%. Segundo o coordenador de projetos da Associação, Manoel Torquato, o racismo estrutural explica a origem da situação de rua no país;
- Cerca de 60% dos que vivem nas ruas e de 70% dos que estão acolhidos frequentam a escola.
- 88% dos que viviam nas ruas e 97% dos acolhidos disseram já terem sofrido violência.
- A pobreza e a busca pela sobrevivência são os principais motivos para crianças e adolescentes irem para as ruas.
- A procura das ruas como lugar de liberdade e diversão foi a segunda opção mais apontada pelos entrevistados. Para Torquato, a implementação de políticas públicas nas áreas de lazer, esporte, educação e cultura poderiam contribuir para evitar essa situação.
- O conflito familiar foi o terceiro aspecto mais citado para a ida às ruas.

1.2.2 Formas de atuação da PMSP junto a jovens em situação de rua

No âmbito da Prefeitura Municipal de São Paulo, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS):

tem a missão institucional de formular, implantar, regular, financiar, executar, monitorar e avaliar a Política Municipal de Assistência Social como parte integrante do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Uma das principais bases para esse trabalho é a Proteção Social, que tem por objetivo a garantia de inclusão a todos os cidadãos que se encontram em situação de vulnerabilidade ou risco, acolhendo a todos pela rede de serviço local. A Coordenação de Proteção Social Básica é dividida por modalidades, de acordo com a necessidade e complexidade do caso, em Básica e Especial. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020b)



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

O site da Prefeitura informa que a SMADS possui ações e programas contínuos, em Proteção Social Básica, Proteção Social Especial e em programas de transferência de renda. Os textos informativos apresentados no site foram produzidos entre 2018 e 2020. Não temos conhecimento se essas informações estão atualizadas (não sabemos se alguns dos programas foram excluídos ou alterados e se outros foram acrescentados). De qualquer forma, utilizamos essas informações disponíveis pela Prefeitura aos cidadãos, como fonte para este trabalho de conclusão de curso.

O atendimento a pessoas em situação de rua é citado de forma explícita nas ações do Programa de Proteção Social Especial.

A Coordenação de Proteção Social Especial - CPSE é a modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e, ou, psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, **situação de rua** (grifo nosso), situação de trabalho infantil, entre outras. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c)

Algumas ações voltadas a jovens integram o Programa de Proteção Social Básica, mas os textos disponíveis no site não fazem nenhuma alusão específica aos jovens em situação de rua.

No caso do Programa de Proteção Social Especial, dentre os 19 serviços que compõem a “Rede de Proteção Especial” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c), identificamos cinco que podem, de alguma forma, contemplar os jovens:

A) *Núcleo de Convivência para Adultos em Situação de Rua* (considerados como adultos, pessoas acima de 18 anos).

Caracterização do serviço: Serviço ofertado para pessoas adultas que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento com atividades direcionadas e programadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de construção de vínculos interpessoais e familiares, que oportunizem a construção do processo de saída das ruas. O serviço poderá ser realizado em espaços alternativos com estrutura de tendas.

Usuários: Adultos, de ambos os sexos, em situação de rua, acima de 18 anos acompanhados ou não de filhos.

Objetivo: Acolher pessoas em situação de rua visando fortalecer o processo de sociabilidade, na perspectiva de construção de vínculos



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

interpessoais, familiares e comunitários com vistas à inserção social.
[...]

(PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

B) *Núcleo de Proteção Jurídico Social e Apoio Psicológico* (entre os usuários estão crianças e adolescentes em situação de rua).

Caracterização do serviço: Serviço referenciado ao Centro de Referência Especializado da Assistência Social - CREAS com a finalidade de assegurar atendimento especializado para apoio, orientação e acompanhamento a famílias com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos. Compreende atenções e orientações direcionadas para a promoção de direitos, a preservação e o fortalecimento de vínculos familiares, comunitários e sociais, fortalecendo a função protetiva das famílias diante de um conjunto de condições que as vulnerabilizam. Esse serviço está vinculado ao CREAS e mantém relação direta com a equipe técnica deste Centro, que deverá operar a referência e a contrareferência com a rede de serviços socioassistenciais da proteção social básica e especial e com o Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Conselhos Tutelares, outras Organizações de Defesa de Direitos e demais políticas públicas, no intuito de estruturar uma rede efetiva de proteção social.

Usuários:

- Crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e familiar (violência física, psicológica, sexual, negligência);
- Crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil e em situação de rua;
- Adolescentes que estejam em Serviço de Medida Sócio Educativa em Meio Aberto;
- Crianças e adolescentes em descumprimento de condicionalidades do PETI;
- Famílias e indivíduos com seus direitos violados com vínculos familiares e comunitários rompidos ou não.

Objetivo: Promover proteção a crianças, adolescentes, indivíduos e suas famílias, quando da ocorrência de situação de risco pessoal e social, especialmente aquelas relacionadas à violência sob suas diversas formas, maus tratos, abandono, discriminações sociais e restrições à plena autonomia e exercício das capacidades.

[...]

(PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

C) *Serviço Especializado de Abordagem Social às Pessoas em Situação de Rua*

Serviço referenciado ao Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e/ou Centro POP com a finalidade de assegurar trabalho social de busca ativa e abordagem nas ruas,



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

identificando nos territórios a incidência de trabalho infantil, violência, abuso e exploração sexual de **crianças e adolescentes, pessoas em situação de rua** e outras. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

Esse serviço se divide em dois:

- Serviço Especializado de Abordagem às Crianças em Situação de Rua (crianças e adolescentes, sem indicação de faixa etária)

Usuários: Crianças e adolescentes que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência.

Funcionamento: Todos os dias da semana das 9h às 21h.

Formas de acesso ao serviço: Por identificação da equipe do serviço e demais solicitações.

Unidade: Espaços/locais (próprios, locados ou cedidos) administrados por organizações sociais sem fins econômicos.

Abrangência: Distrital, regional ou macrorregional (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

- Serviço Especializado de Abordagem de Adultos em Situação de Rua (adultos, sem indicação e faixa etária, idosos e famílias).

Usuários: Adultos, idosos e famílias que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência.

Funcionamento: Todos os dias da semana das 8h às 22h.

Formas de acesso ao serviço: Por identificação da equipe do serviço e demais solicitações.

Unidade: Espaços/locais (próprios, locados ou cedidos) administrados por organizações sociais sem fins econômicos.

Abrangência: Distrital, regional ou macrorregional. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

D) *Centro de Acolhida às Pessoas em Situação de Rua* (para pessoas acima de 18 anos)

Local de acolhimento provisório para pernoite voltado para adultos em situação de rua, a partir dos 18 anos e famílias.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

E) *República* (para pessoas acima de 18 anos)

Lugar de acolhida, que segue um modelo de residência, destinada a pessoas do mesmo sexo (jovens, adultos e idosos). Há dois tipos de Repúblicas, sendo uma delas voltada ao atendimento de jovens de 18 a 21 anos: “24 jovens divididos em 4 casas de 6 pessoas cada”. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020c).

1.2.3 Leis e práticas para educação de jovens em situação de rua

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988)

A Constituição, carta maior do país, no artigo citado mostra a importância da Educação e a sua qualidade de “direito de todos” (BRASIL, 1988). Sendo assim, a população em situação de rua tem alguns meios e acessos para poder estudar, garantidos por leis.

No que se refere à cidade de São Paulo, a Lei 12.316 de abril de 1997 dispõe “sobre a obrigatoriedade do poder público municipal a prestar atendimento à população de rua na Cidade de São Paulo.” Dentro da cobertura da mesma, seria população de rua “quaisquer pessoas, acompanhadas ou não de suas famílias, independentemente de gênero, idade, raça, cor, etnia, religião ou procedência.” (SÃO PAULO, 1997). (Redação dada pela Lei nº 16.520/2016).

No art. 4º da mesma Lei, há um parágrafo que aborda a questão da educação, no atendimento a essa população de rua:

Art. 4º A política de atendimento à população de rua compreende a implantação e manutenção pelo poder público municipal nos distritos da Cidade de São Paulo, dos seguintes serviços e programas com os respectivos padrões de qualidade:

[...]

V - Casas de Convivência com oferta de espaços preparados com recursos humanos e materiais para promover: convivência, socialização e organização grupal, atividades ocupacionais, **educacionais**, culturais e de lazer, assim como condições de higiene pessoal, cuidados ambulatoriais básicos, alimentação, guarda de volumes, serviços de documentação e referência na cidade;” (SÃO PAULO, 1997, grifo nosso)



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

A legislação supracitada propõe ao poder público municipal, dentre outras, a oferta de educação.

Uma lei mais recente, a 17.252 de dezembro de 2019, trata de consolidar “a Política Municipal para a População em Situação de Rua, institui o Comitê Intersetorial da Política Municipal para a População em Situação de Rua e dá outras providências.” (SIC) (SÃO PAULO, 2019). Dentre as variadas providências apresentadas, temos cerca de 10 citações de palavras relacionadas à educação, estudo e ensino. Essa lei também busca “consolidar” as duas já referidas leis na cidade de São Paulo (Cf. BRASIL,1988; SÃO PAULO, 1997). Tal objetivo se demonstra no Art. 1º: “Fica consolidada a Política Municipal para a População em Situação de Rua, em acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos nesta Lei, em respeito à Constituição Federal, às normativas nacionais sobre o tema e à Lei nº 12.316, de 16 de abril de 1997. (SÃO PAULO, 2019)

O parágrafo único do art. 1º define “População em Situação de Rua” como sendo:

o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.. (SÃO PAULO, 2019)

E acrescenta que “são princípios da Política Municipal para a População em Situação de Rua” entre outros, a “implantação e ampliação das ações **educativas** destinadas à superação do preconceito, e de capacitação dos servidores públicos para melhoria da qualidade e respeito no atendimento deste grupo populacional;” (SÃO PAULO, 2019, grifo nosso). Essa menção referida no Art. 2º parágrafo VII, cita a educação, ainda indireta primeiramente, direcionada aos que trabalhariam com a População de Rua.

A Seção III da Lei 17.252 entra diretamente no quesito Educação e outros, mas sobre a população de rua como participante da educação.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

O art. 15 é robusto nisso e trata que “O Poder Público garantirá o acesso de crianças, adolescentes e adultos em situação de rua à rede municipal de ensino,” essa forma se daria “sensibilizando a rede de educação e promovendo as condições necessárias para a permanência nas instituições de ensino.” (SÃO PAULO, 2019).

Se formos pensar na população jovem e adulta, a EJA (Educação de Jovens e Adultos), o CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) e o MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) são os que podem ter uma maior abrangência, atendendo, inclusive as pessoas que desistiram de estudar durante a adolescência e a juventude.

O Plano Municipal de Políticas Para a População em Situação de Rua (SÃO PAULO, 2016, pp.18-21) traz esses pontos e indicações, sobre os três programas citados, dentro das possibilidades de acesso ao ensino à população de rua.

Sobre a EJA, uma das ações é “Adequar o plano político pedagógico das unidades escolares, incluindo-se a implantação de módulo adicional para atender a retomada da vida escolar com conteúdo e metodologia atrativos à realidade da PopRua, por meio de gestão intersecretarial;”. No MOVA, a proposta de ação foca nos “conteúdos de interesse da PopRua”, buscando “ampliação das salas de MOVA”; já o CIEJA, entre pontos comuns com os outros dois, sobre atrair e interessar, busca “Divulgar os módulos nos serviços voltados à PopRua; Construir estratégias de acesso e permanência;” e “Construir parcerias para inserção da PopRua em cursinhos pré-vestibulares.” (SIC) (SÃO PAULO, 2016, p.18)

Toda uma movimentação e possibilidades de ação e oportunidades à Educação para a População de Rua têm legislação e aplicação indicada.

Uma última indicação sobre o tema “PopRua nas escolas” do Plano Municipal de Políticas Para a População em Situação de Rua propõe, “Incluir o tema da PopRua relacionado à inclusão social, direitos humanos, cidadania e políticas públicas no currículo escolar” (SIC) (SÃO PAULO, 2016, p.19)

A legislação apresentada engloba um campo de inclusão da Educação, para trabalhadores, sociedade geral e população em situação de rua e propõe garantir dignidade e acesso ao direito essencial: a oportunidade ao conhecimento, que pode ser libertador e se tornar um passo importante à “colaboração” para que a “educação” seja promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. (BRASIL, 1988).



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

1.3 Pontos de atenção

A partir do levantamento que fizemos até aqui, é possível sintetizar alguns elementos que nos direcionarão na elaboração das outras duas etapas do método Ver-Julgar-Agir. Segue essa síntese:

Há poucas pesquisas qualitativas sobre pessoas em situação de rua (entre elas, os jovens). Ou seja, há pouco conhecimento que embase as políticas públicas. Ainda assim, encontramos um trabalho encomendado pela PMSP, contendo um Censo 2019 (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2019) e pesquisa amostral que traz informações sobre a população em situação de rua.

Na cidade de São Paulo, nos últimos anos houve um aumento significativo dos cidadãos nessa condição e uma diminuição da qualidade de vida dessa população. De acordo com a pesquisa encomenda da PMSP, realizada em 2019 (portanto antes da pandemia), existiam na cidade 24.344 pessoas em situação de rua. Dados da pesquisa por amostra indicam que: 85,5% são do sexo masculino; 22,1% têm entre 18 e 30 anos; 68,6% são pardos e pretos; 14,1% concluíram o ensino fundamental e 20,7% concluíram o ensino médio; 40,3% dizem estar nas ruas devido a conflitos familiares; 40,3% estavam nas ruas a menos de 1 ano; 47,0% declararam não receber nenhum tipo de benefício; 13,5% declararam participar de algum movimento de população em situação de rua, 10,1% declararam participar de movimento de catadores de materiais recicláveis e 13,8% declararam participar de movimento por luta de moradia; 48,0% declararam que o que mais ajudaria as pessoas a saírem da rua seria ter emprego fixo.²

No começo de 2020, a PMSP publicou um texto (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020a) divulgando um pacote de ações voltadas a pessoas em situação de rua, mas apenas uma das ações contidas no texto tem os jovens como foco. Não foi possível identificar no site da Prefeitura se esse pacote de ações foi colocado em prática.

Em matéria publicada em meados de 2020 (BOEHM, 2020) sobre pesquisa realizada em várias cidades, há as seguintes informações: 85% das crianças

² Nesta síntese, apresentamos os maiores índices encontrados em algumas categorias apresentadas no item 1.1.1 deste TCC.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

e adolescentes que vivem nas ruas são negros; cerca de 60% dos que vivem nas ruas e de 70% dos que estão acolhidos frequentam a escola; 88% dos que viviam nas ruas e 97% dos acolhidos disseram já terem sofrido violência; a busca pela sobrevivência, a procura das ruas como lugar de liberdade e diversão e conflitos familiares são os principais motivos para crianças e adolescentes irem para as ruas.

Com base nas informações divulgadas pela Prefeitura de São Paulo em seu site (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020 a, 2020b, 2020c), não há nenhum programa dirigido especificamente para jovens em situação de rua e, em pesquisa realizada por este grupo na internet, buscando identificar ONGs que atuam com pessoas em situação de rua, identificamos que poucas realizam trabalhos especificamente com esses jovens.

A pesquisa à legislação (BRASIL, 1988; SÃO PAULO, 1997, 2016, 2019) indicou que a população em situação de rua tem, garantido em leis, o direito ao acesso à educação.

Para finalizar transcrevemos abaixo trecho de entrevista realizada com Igor Rodrigues, coordenador do relatório "Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil - grandes cidades", publicada no IHU Unisinos. Para ele:

Nós buscamos entender a saúde como uma concepção ampliada de saúde, portanto, saúde não é só ausência de doença; compreende também rotina, qualidade de vida, hábitos alimentares, estresse, autoconfiança e até mesmo a questão da autoestima. Tudo isso influencia a saúde se pensada num sentido ampliado. [...]

As políticas públicas são muito distantes da realidade desses indivíduos justamente porque não conseguem mapear a realidade, não há um diagnóstico sobre a situação dessas pessoas. Criam situações impositivas, modelos adaptados e ruins, inspirados em outros países e que não têm relação com a nossa realidade. Todas essas questões são desafios a serem enfrentados. O maior desafio não é só da efetividade das políticas públicas a serem criadas, mas é o desafio simbólico de entender essa população, ver qual é o ponto de comunhão que torna esses indivíduos iguais. A noção de cidadania é importante justamente para não percebê-los somente como se fossem uma coisa, como "eles e nós". Na realidade, somos todos nós.

Entendemos a questão da cidadania como ponto de comunhão que eles têm com todas as outras pessoas: são cidadãos brasileiros como qualquer outro e têm que ter sua dignidade promovida e seus direitos garantidos. O direito à propriedade, por exemplo, é um direito que faz



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

parte dessa concepção ampliada de cidadania, e se as outras pessoas têm esse direito, por que eles não têm? Temos ainda a questão do cuidado, do atendimento, da alimentação, dos documentos, do voto, ou seja, o direito de ter acesso a benefícios como qualquer outra pessoa. Usamos a noção de cidadania para pensarmos uma comunhão. [...]

As políticas públicas precisam ter ousadia, é preciso sair do lugar comum, porque temos demonstrado que ele não funciona. As políticas públicas históricas, que já têm um passado de amplo fracasso, são engodo para fazer de conta que algo realmente funciona. As políticas são impositivas, não partem da realidade; se não temos dados para falar de uma população, como vamos criar uma política pública? É preciso primeiro qualificar, quantificar, mapear, dizer qual é a voz das ruas, quais são as dificuldades, os dramas, o que vivenciam etc. E, a partir desse mapeamento, será possível criar uma política adequada aos anseios vivenciados e às reivindicações históricas dos movimentos sociais dessas populações – existem movimentos sociais nessas populações! É preciso muita ousadia e política pública de coragem. É preciso superar os meros modelos prontos, importados de outros países e de outras cidades. (RODRIGUES, 2020)



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

2. Julgar

Antes de entrarmos na segunda etapa deste itinerário do método Ver-Julgar-Agir, sentimos a necessidade de buscar algumas referências práticas do seu uso, sobretudo no que se refere ao Julgar. Para isso, partimos do texto de Reuberson Rodrigues Ferreira, que analisa os documentos *Evangelii Gaudium* (2013) e *Laudato Si'* (2015), sob a perspectiva desse método. Ferreira define a etapa do Julgar da seguinte forma: “segundo passo [...] norteado pelo aspecto formativo, no confronto entre a realidade-problema e uma segura doutrina (evangelho) capaz de iluminar e ajuizar sobre realidade.” (2016, p. 218).

Tomaremos como um breve exemplo, a maneira como o Papa Francisco desenvolve a etapa do Julgar na construção da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Para Ferreira, percebe-se essa etapa no do capítulo III, intitulado “A partir do coração do Evangelho”. Nessa parte do documento, “o anúncio audacioso e corajoso de Cristo” é apresentado como referência do agir evangelizador. A observação da realidade e dos desafios da Igreja deveria se dar, assim, a partir do anúncio de Cristo, de onde também se poderiam tirar instrumentos para iluminar a ação. (FERREIRA, 2016, p. 221).

A seguir transcrevemos um pequeno trecho no capítulo III do *Evangelii Gaudium*, para que nos sirva de inspiração:

37. São Tomás de Aquino ensinava que, também na mensagem moral da Igreja, há uma *hierarquia* nas virtudes e acções que delas procedem.^[39] Aqui o que conta é, antes de mais nada, «a fé que actua pelo amor» (*Gal* 5, 6). As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito: «O elemento principal da Nova Lei é a graça do Espírito Santo, que se manifesta através da fé que opera pelo amor».^[40] Por isso afirma que, relativamente ao agir exterior, a misericórdia é a maior de todas as virtudes.

Assim, buscaremos em fontes diversas da “fé que atua pelo amor”, as motivações para agirmos em prol dos jovens em situação de rua na cidade de São Paulo.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

2.1 Considerações e apontamentos à luz da Exortação Apostólica Pós Sinodal, *Christus Vivit* do Papa Francisco

A Exortação Apostólica Pós Sinodal, do Papa Francisco, *Christus Vivit* (Cristo Vive), pode nos ajudar a pontuar algumas questões do que estamos tratando.

O Parágrafo 68 da Exortação demonstra o recorte de idade da juventude, feito pela equipe sinodal: uma “faixa etária” de “(16-29 anos)” que não representa um conjunto homogêneo – é composto por “grupos que vivem situações peculiares”. O documento traz uma abordagem geral, para a igreja universal, e destaca a existência de diferentes juventudes. (FRANCISCO, 2018).

Essa especificação de juventudes, traz, no parágrafo 74, os que sofrem marginalização e exclusão social:

“Todavia, são mais numerosos no mundo os jovens que sofrem formas de marginalização e exclusão social por motivos religiosos, étnicos ou econômicos. Lembramos da difícil situação de adolescentes e jovens [...] a situação das crianças e dos **jovens de rua**, que não têm casa, nem família, nem recursos econômicos. (PAPA FRANCISCO, 2018, grifo nosso)

Uma primeira e direta menção a jovens de rua no documento do pontífice também demonstra atenção do Papa, e com ele a Igreja que olha para essa juventude.

Há diversas realidades das juventudes no mundo. Um pouco à frente (na metade das considerações, parágrafo 171), o Papa Francisco relata a ação de grupos de jovens que vão ao encontro com os pobres: “nos pobres há uma sabedoria oculta, e eles, com palavras simples, podem nos ajudar a descobrir valores que não vemos” (PAPA FRANCISCO, 2018). Pode ser que falte uma abordagem posterior sobre o protagonismo dos pobres jovens, mas o documento já demonstra que os pobres proporcionam uma nova experiência de valores.

Ainda mais sobre esse encontro, propõe no parágrafo 172, a continuidade nos trabalhos já realizados: “Seria bom que essa energia comunitária se aplicasse não apenas em ações esporádicas, mas de maneira estável, com objetivos claros e com uma boa organização” que ainda mais, “ajude a realizar uma tarefa mais contínua e eficiente.” (PAPA FRANCISCO, 2018).



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Por fim, no parágrafo 222, uma recomendação às escolas católicas pode nos trazer uma reflexão agregadora à nossa pesquisa. “A escola católica continua a ser essencial como espaço de evangelização dos jovens”. Contudo “é importante [...] uma renovação e relançamento das escolas e universidades ‘em saída’ missionária”, que não fiquem fechadas e pouco acessíveis, principalmente na questão financeira. Que possam, também atentar à “necessidade urgente de criar ‘redes’ e a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e exclui”. (PAPA FRANCISCO, 2018).

Tendo como referência esses pontos, acreditamos que nossos irmãos, jovens de rua, podem ser acolhidos e auxiliados ainda mais pela ação da igreja e de seus participantes. Olhar para as juventudes é essencial, principalmente as que estão em situação de rua, proporcionando a elas dignidade, oportunidade, acolhimento e tantas outras formas de atenção, sejam elas samaritana, franciscana ou até de quem não crê em um Deus. O importante é que haja o amor.

2.2 O olhar acolhedor de Maria/Mariológico

Diariamente vemos, nas ruas da cidade de São Paulo, pessoas desprovidas de cuidados e sem acesso às necessidades básicas. Entre elas, há um número significativo de jovens.

O que estamos fazendo para mudar esse cenário? Como reagimos diante dessa constatação? Como ajudamos ou podemos ajudar? Como enxergamos essas pessoas? Somos piedosos e nos compadecemos de suas dores e sofrimentos? Como é o nosso “olhar” diante da realidade em que se encontram muitos jovens em situação de rua? Olhamos para esses jovens com piedade e com o carinho que Maria, Nossa Senhora, nos olha? Ou olhamos para eles como julgadores indiferentes?

Entregar-se a Maria significa reconhecer o lugar que a Virgem ocupa no mistério de Cristo e da Igreja. De um modo exemplar e universal o testemunho evangélico e a confiança na intercessão da Rainha do Céu, atravessaram os séculos como testemunha de toda a tradição cristã quando falamos de benção maternal. (MUNIZ, 2020)

Maria, mulher cheia de bons sentimentos, pura de corpo e de alma, humilde, de coração limpo e mãe zelosa.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Será que somos capazes de aceitar e suportar tudo com o olhar fraterno e carinhoso que esta mãe teve? Será que conseguimos olhar para nossos irmãos que vivem em situação de rua, sem subjugá-los?

É fácil falar do sentimento de compaixão, contudo, não o praticamos. Embora indignos de tal feito, deveríamos tentar imitar as virtudes de Maria. Falta-nos a prática do amor ao próximo, o olhar terno e amoroso que Maria olhava para seu filho Jesus. Damos mais importância às situações banais e corriqueiras do dia a dia, esquecendo-nos dos mais desvalidos, passando por eles em calçadas frias e marquises geladas, ignorando-os completamente, como se ali não estivesse nosso irmão (sim, nosso irmão, porque aos olhos do Pai somos todos irmãos). O que nos falta para acolher nossos irmãos que muitas vezes precisam apenas de uma conversa, da gentileza de um bom dia, um até logo, um oi?

Todos esses questionamentos são clichês e sempre surgem, mas nunca há muitas respostas. E quando estas respostas aparecem, elas vêm de quem tem pouco a oferecer materialmente, mas muito a oferecer em termos de sabedoria e solidariedade.

Precisamos nos entregar ao amor ao próximo de verdade e como Maria, essa mulher forte, cheia de vida, inteligência, vontade e sentimentos, de forma que desperte em nós estes sentimentos para podermos servir ao próximo, desprovidos de qualquer interesse. O fazer simplesmente pelo ato de amar ao seu irmão.

Nossa Senhora mesma nos diz: “Se você soubesse o quanto eu te amo, choraria de alegria”. (*Fátima*). (MUNIZ, 2020)

Estamos aptos, ou quase lá, para debater e entender sobre leis, diretrizes e estratégias, Lei Orgânica, Controle Social e todas as Democracias, Orçamento Público, sobre diversas teorias e formas de melhorar nossos bairros, cidades e Estados numa discussão boa e saudável sobre “Política”. Mas e a “Fé”? Onde encaixamos a fé seja ela qual for?

Não podemos jamais nos desprender do que nos torna humanos, e precisamos sempre lembrar-nos dos grandes mártires e santos da história e que fizeram história pelo seu grande amor, a compaixão ao próximo. Seguir o exemplo deles para aprendermos a lidar com o outro e resgatar a humanidade e a dignidade dos mais vulneráveis, que sempre chegam a nós com histórias e bagagens diferentes,



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

muitas delas incríveis e riquíssimas. Ignorar e deixar de lado, é o mesmo que ignorar os dois maiores mandamentos da lei de Deus: Amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo.

Mateus 22,37-39

37 Respondeu Jesus: "Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento".

38 Este é o primeiro e maior mandamento" Ame o seu próximo como a si mesmo".

E por que não aprender com o exemplo de Maria, filha amadíssima de Deus, mãe de todos nós, que mesmo ferida de morte aos pés da cruz nos aceita como filhos? Mãe esta caridosa, acolhedora, e protetora. Não é à toa que até hoje Maria, Nossa Senhora, é sinônimo de tudo que há de bom e virtuoso no mundo (cristão católico), cultuada do Ocidente ao Oriente em diversas línguas e culturas.

Vamos aprender a ter "Fé", aprender a amar a nós mesmos e aos outros. Jesus não enviou seus doze? Sejamos o 13º, sejamos as ovelhas no meio dos lobos, façamos a diferença! Sejamos graça, sejamos sarça ardente, pois a messe é grande e os trabalhadores são poucos.

Se cada um de nós nos dispuser a ajudar uns aos outros sem olhar a "quem" ou para trás, com total certeza pularemos muitas etapas, muitos quês e porquês. Vamos abraçar a causa, despojarmos de pré-conceitos e preconceitos e tentar acolher nossos irmãos que necessitam tanto de ajuda.

CIDADE DO VATICANO, 27 JUN (ANSA) – O papa Francisco pediu durante o Angelus deste domingo (27) para que os fiéis "parem de julgar os outros" e busquem amar mais o próximo. "Paremos de julgar os outros. Jesus nos pede um olhar não julgador, mas acolhedor porque só o amor cura a vida. Nossa Senhora nos ajude a levar carinho aos feridos, aos feridos no coração, e não a julgar a realidade da pessoa, dos outros. Não julguem e deixem viver, ame os outros e busque viver com amor", disse o líder católico. Durante sua fala, Francisco ainda questionou sobre qual seria "a maior doença" da vida atual.

"É o câncer? A pandemia? Não, a doença maior da vida é a falta de amor. Quantas vezes nós tomamos os remédios errados para saciar a nossa falta de amor? Pensamos que o que nos faz feliz é o sucesso, o dinheiro, mas o amor não se compra. Nós nos refugiamos no virtual, mas o amor é concreto", acrescentou. (ISTO É, 2021).



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Efésios 6,23

Paz aos irmãos, e amor com fé que provém de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. A graça esteja com todos os que amam com amor eterno a nosso Senhor Jesus Cristo.

*“Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt” (“Eu sou todo teu **Maria**, e tudo o que é meu te pertence”).)*

2.3 Francisco e Clara de Assis: o amor como espelho

Nascidos em Assis - Itália, em 1182 e em 1194, Francisco e Clara eram bastante jovens quando foram tocados pelo Espírito e decidiram abraçar uma vida de dedicação, contemplação e cuidado. Ele tinha cerca de 20 anos de idade, quando sentiu um chamado à transformação; e ela, 18 anos, ao deixar sua vida de nobreza e seguir pela noite ao encontro dos irmãos franciscanos.

Foi no cárcere que o jovem burguês, que sonhava com as glórias de guerra, começou a enxergar a vida com maior clareza. Nesse lugar de contenção e sofrimento, a Graça rondava o jovem. Depois de sair da prisão, Francisco ficou muito doente e o período em que permaneceu acamado, revelou-se como mais uma etapa de sua transformação. Destacamos essa parte da vida de Francisco, porque nos importa refletir se a sede de glória que ele sentia, se seus sonhos de realização heroica não seriam comuns a todos os jovens – os de ontem e os de hoje. E também nos perguntar sobre como é possível estar junto desses jovens, colaborando para que sua verdadeira essência se manifeste.

A mãe de Francisco, teria tido um papel fundamental no processo de despertar do filho. Foi ela quem cuidou amorosamente do jovem, nos momentos difíceis de sua enfermidade, lhe dando sustentação para que a Graça se fizesse:

Entre os bastidores dessa crise estava [...] dona Pica, colaborando com a Graça para forjar aquele destino privilegiado. Nas longas horas que passou velado por sua mãe, o jovem, apertado contra a parede da morte, recebeu docilmente as meditações sobre a inconsistência das realidades humanas, inconsistência experimentada em sua própria carne. (LARRAÑAGA, 1998, p. 27)



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Inácio Larrañaga, em seu belo livro “O irmão de Assis”, ao se referir à Clara, também destaca sua ternura de mãe:

Todas as noites passava diversas vezes pelos dormitórios, cobrindo suas irmãs como uma mãezinha. Se alguma das irmãs não acordava para matinas, as crônicas dizem que sua maneira de despertá-las com carinho e fineza era um espetáculo e delicadeza. [...] Francisco foi o inspirador de Clara. [...] Mas era Clara quem tinha de confirmar Francisco em seu ideal. Como uma mãe invencível, deu-lhe mais de uma vez coragem e estímulo àqueles anos difíceis. (LARRAÑAGA, 1998, p 241).

O que falta aos meninos e meninas que sofrem em situação de rua? Qual o papel da força feminina junto a esses jovens? Não seria o de sustentação e cuidado? Não seria o de guardiã da fé e da esperança? Não seria ela, manifestada no abraço e na nutrição, que facilitaria o despertar dos verdadeiros sonhos e a aproximação da Graça? Não teria essa força, o poder de alimentar a potência criativa e os verdadeiros sonhos, para que esses jovens ajam na história em prol de outro mundo possível? Não seria ela a parteira de novos tempos?

E o que falta a quem busca outro mundo mais justo e fraterno? Para Larrañaga, é preciso mais do que ideias e motivações elevadas para que haja um verdadeiro encontro com pessoas que vivem em condições difíceis. É preciso que se esteja enamorado por “Alguém” (1998, p. 44). Só assim, a Misericórdia será viva. Daqui tiramos mais uma lição do caminhar de Francisco e Clara: para sermos verdadeiramente misericordiosos, é preciso que primeiro a conversão se faça em nós, que a transformação seja feita em nós mesmos, pela nossa disposição em acolher a Graça. Seguindo os passos de Francisco e Clara, podemos dizer que é preciso ter Jesus Cristo como espelho.

Na obra “Santa Clara de Assis - época, carisma e espiritualidade”, Pereira (2019, p. 178), diz que Clara e Francisco contemplavam a imagem de Cristo pobre, humilde, servo e crucificado. Ele contemplava Jesus no caminho, e ela, enclausurada, dando sustentação espiritual e cuidado às irmãs e irmãos. Para ambos, era muito importante ser exemplo e espelho para outras pessoas. Para Clara, Jesus era o espelho e a contemplação era capaz de transformar quem contempla, na imagem contemplada (PEREIRA, 2019, p.183-184 e 201). Pela contemplação, ela aprendia as virtudes do espelho e as praticava na vida diária. Clara ensinava a dinâmica da vida



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

cristã: olhar, meditar, contemplar e imitar. (PEREIRA, 2019, p. 202-203). O imitar nos remete ao encontro, ao acolhimento e ao cuidado aos mais necessitados.

Para Francisco, Jesus tinha voltado e vivia nos empobrecidos e sofredores que perambulavam sem terem o que comer, onde dormir, e necessitando de carinho. “Encontrava Jesus pelo caminho solitário, arrastando os pés. Era Jesus que dormia debaixo da ponte do rio, tiritando de frio.” Era ele quem estendia a mão “pedindo um pouco de carinho”. Tinha fome, “mas o mais grave era que seu coração estava com frio e procurava calor”. (LARRAÑAGA, 1998, p. 45)

Segundo Inácio Larrañaga, Francisco conhecia o quão frágil são os seres humanos. E, nesse sentido, ele nos deixou mais uma orientação, que traz o amor em seu centro:

[...] é preciso ter um grande respeito, muita paciência e principalmente uma esperança invencível [...] Enquanto o homem respirar, dizia, é capaz de fazer prodígios. [...] Tratava cada um como d. Pica o havia tratado. Com ilimitada paciência e sumo carinho. Nunca vigiava. Sempre cuidava. [...] O amor! Pensava mil vezes. Essa é a chave: o amor. Formar é amar. O amor faz possível o impossível.” (LARRAÑAGA, 1998, p. 146)

A compreensão, a compaixão, a esperança, o amor para com todos os irmãos, fossem eles seus companheiros de comunidade ou sofredores que encontrava pelo caminho, são as marcas do carisma de Francisco – um carisma dotado de poder transformador, como se pode ver na história dos assaltantes de Montecasale.

Em uma manhã, três assaltantes famintos, apareceram na choça dos irmãos, em Montecasale. Aparentemente não tinham boas intenções. Francisco não estava. Quando os viu, o irmão Angelo Tarlati, antigo cavaleiro de armas, os insultou, chamando-os de assassinos e avançando sobre eles com um bastão: “Não contentes em roubar gente honrada agora querem engolir as poucas azeitonas que nos restam? Vocês têm idade para trabalhar. Por que não arranjam emprego como diaristas?” (LARRAÑAGA, 1998, p. 221). Quando Francisco retornou, os irmãos lhe contaram, rindo, o que havia acontecido, mas logo perceberam o seu desagrado. Em silêncio, ele se retirou para se acalmar:

Um soldado! pensava. Todos carregamos dentro de nós um soldado. [...] A espada nunca semeou um metro quadrado de trigo ou de esperança. Francisco estava profundamente perturbado [...]



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Quando ficou completamente calmo [...] disse a si mesmo: Francisco, filho de Assis, lembra-te. Se reprenderes os irmãos com ira e perturbação isso vai ser pior do que dar bordoadas nos assaltantes. Convocou os irmãos e começou a falar-lhes com muita calma [...]. Eu sempre penso, começou, que se o ladrão do Calvário tivesse tido um pedaço de pão quando teve fome pela primeira vez, uma túnica de lã quando teve frio, ou um amigo cordial quando teve a primeira tentação, nunca teria cometido o que o levou à cruz.

Francisco falava baixo, sem acusar ninguém [...] Todos os injustiçados sentiram a falta de uma mãe em sua vida. Quem é que sabe o que está por trás de cada coisa? Ninguém é mau. No máximo, é fraco. E o certo até seria dizer doente.

[...] E o Evangelho diz que fomos enviados para servir doentes, não os sãos. Doentes de que? De amor. Esse é o segredo: o bandoleiro é um doente de amor. Distribuam um pouco de pão e um pouco de carinho pelo mundo e vão poder fechar todas as cadeias. Oh! amor! Fogo invencível, labareda divina, filho imortal do Deus Imortal. (LARRAÑAGA, 1998, p. 221-222)

De joelhos, frei Angelo disse que queria procurar os bandoleiros. Então, Francisco lhe deu as seguintes orientações:

Quando os vires, dirás: venham comer a comida que o irmão Francisco preparou para vocês com tanto carinho. Se eles perceberem paz em teus olhos, vão se aproximar imediatamente. Então suplicar-lhes-ás que se sentem no chão. [...] estenderás uma toalha branca no chão. Colocarás em cima este pão e este vinho, estes ovos e este queijo. Servi-los-ás com o maior carinho e cortesia. Quando estiverem saciados, suplicarás de joelhos que não assaltem ninguém. O resto será feito pela infinita misericórdia de Deus. (LARRAÑAGA, 1998, p. 222-223)

E assim se cumpriu. Os ex-bandoleiros passaram a carregar, diariamente, lenha nos ombros até o eremitério. Com frequência, Francisco lavava os pés daqueles homens e com eles muito conversava. E assim, eles foram “transformados, lenta e completamente”. (LARRAÑAGA, 1998, p. 223)

Orações para o nosso caminhar

Do jovem Francisco, ao experimentar a presença de Jesus, em São Damião:

Glorioso e grande Deus, meu Senhor Jesus Cristo! Vós que sois a luz do mundo, ponde claridade, eu vos suplico, nos abismos escuros do meu espírito. Dai-me três presentes: a fé, firme como uma espada; a esperança, larga como o mundo; o amor, profundo como o mar. Além disso, meu querido Senhor, peço-vos ainda um favor: que todas as



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

manhãs, ao raiar da aurora, amanheça com um sol diante de minha vista a vossa santíssima vontade para que eu caminhe sempre em vossa luz. E tende piedade de mim, Jesus. (LARRAÑAGA, 1998, p. 59)

A benção da mãe, ao libertá-lo do porão de casa, contra as ordens do pai:

Filho de minha alma. Que as asas de Deus te cubram e te protejam como estas mãos. Leva o meu sangue e a minha sombra até o fim do mundo. Abre e percorre os caminhos que eu não posso percorrer. Coloca as minhas lâmpadas nas noites e os meus mananciais nos desertos. Recolhe as dores do mundo e esparge a esperança em toda parte. Que tua morte seja uma festa e tua vida um parto. Que te acalantem os ventos e te deem sombra as montanhas. Cobre a terra de piedade e transforma as urnas em berços. (LARRAÑAGA, 1998, p. 71)

2.4 Teologia da Libertação e Pedagogia do Oprimido: um caminho para refletir acerca do jovem em situação de rua em São Paulo

Refletindo a proposta que apresentamos na primeira entrega, trazemos aqui o educador Paulo Freire, pois ele é base da maioria dos debates acerca da educação de jovens e adultos. Na introdução do livro de Paulo Freire (1987) temos a constatação de que:

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder reexistenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra.

Ou seja, percebemos que a concepção freireana tem uma compreensão de que o homem é um conjunto histórico, que vive uma realidade histórica. Sua proposta como educador não abarca apenas a alfabetização, a leitura de um código escrito, mas é sim a educação um método de leitura da realidade, de compreensão de mundo.

Em nossa primeira entrega, discorremos sobre os dados dos jovens em situação de rua da cidade de São Paulo, e as várias ações da Prefeitura e de Ongs, ligadas a este público. Com isto podemos refletir com a partir desta leitura que fazemos de Paulo Freire (1987), pois entendemos que tais ações se beneficiariam e muito com uma visão freireana do modo que atuam:



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente.

E lembramos aqui que Paulo Freire, em grande medida teve também como fonte inspiradora a atuação das Comunidades Eclesiais de Base, com a doutrina católica regimentada pelo Concílio Vaticano II. Estas comunidades questionavam o que Paulo Freire chamava de “assistencialização manipuladora”, promovida, segundo ele, pelo governo e Ongs, e também pela própria Igreja em suas ações de “generosidade” pontuais. Paulo Freire (1987) nos diz que estas funcionam como anestesia e que distraem “as massas populares quanto às causas verdadeiras de seus problemas.”

É importante levantar este ponto, pois ao vermos as inúmeras ações para este público que estamos analisando no presente trabalho, podemos imaginar que este esteja assistido e caminhando para dirimir os problemas para com eles. Mas refletindo e julgando a realidade que vemos, percebemos que o cenário que temos é justamente ao contrário, e as reflexões de Paulo Freire trazem luz do por que deste cenário não avançar para melhorar.

Michel Löwy (1989) cita Gustavo Gutierrez em uma análise sobre a religiosidade e a luta por transformação social e nos diz que:

Ele menciona nesse contexto os trabalhos de Lucien Goldmann, que havia posto em evidência a oposição entre a religião como sistema de valores transindividuais e a problemática estritamente individualista das Luzes e da economia de mercado. A conclusão é, pois, que "o espiritual, para usar uma expressão corrente, não se opõe ao social. A verdadeira oposição está entre o individualismo burguês e o espiritual segundo a Bíblia".

O que no nosso entendimento coaduna com a visão Freireana de libertação. A educação deve transformar não o indivíduo apenas, mas mostrar que este é um ser histórico, como apontamos anteriormente, e que então as ações para um público como o que estamos analisando, de jovens em situação de rua, devem levar estas premissas em conta, para que um real avanço e melhoria ocorram.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

O texto de Löwy (1989) também nos ajuda a refletir o cenário onde irá surgir a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e a atuação crítica das Comunidades Eclesiais de Base:

A mudança interna diz respeito ao conjunto da Igreja católica: é o desenvolvimento, desde a Segunda Guerra Mundial, de novas correntes teológicas (Bultmann, Metz, Rahner, Congar, Chenu, Duquoc), de novas formas de cristianismo social (os padres operários, a economia humanista do Padre Lebret), de uma abertura crescente para as interrogações da filosofia moderna e das ciências sociais. O pontificado de João XXIII e o Concílio Vaticano II vão legitimar e sistematizar essas novas orientações, constituindo assim o ponto de partida para uma nova época na História da Igreja. No mesmo momento, desenvolve-se na América Latina uma profunda mudança social: a industrialização do continente, a partir dos anos 50 (sob o impulso do capital multinacional), vai "desenvolver o subdesenvolvimento" (segundo a conhecida fórmula de André Gunder-Frank), isto é, agravar a dependência, aprofundar as contradições sociais, estimular o êxodo rural e o crescimento das cidades, concentrando em zonas urbanas um imenso "pobretariado".

Com a pedagogia de Freire em mente e este cenário, podemos traçar paralelos com o que temos hoje, novamente temos nosso continente passando por mudanças do capitalismo que agravam a situação dos oprimidos e que muitas vezes são alvos de políticas paliativas por parte do Estado, Ongs e Igreja. Mais uma vez podemos recorrer a Paulo Freire (1987) para refletir como melhorar nosso olhar sobre estas ações e como dialogar com elas para um agir libertador:

É importante, porém, salientar que, na teoria dialógica da ação, a organização jamais será, a justaposição de indivíduos que, gregarizados, se relacionem mecanicamente. Este é um risco de que deve estar sempre advertido o verdadeiro dialógico. Se, para a elite dominadora, a organização é a de si mesma, para a liderança revolucionária, a organização é a dela com as massas populares.

Em nossa primeira entrega alertamos que apesar das poucas pesquisas sobre este público, de forma que corrobore políticas públicas bem embasadas, o que encontramos ajuda a dar um vislumbre de um cenário inicial, com aumento significativo desta população e sua vulnerabilidade. Refletindo, percebemos que ter uma dezena de ações voltadas a esta população não tem mudado sua situação. Não que estas não sejam importantes, e em alguns casos fundamentais, mas sim que só isso não basta. Devemos ter também ações que se fundamentem em



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

pedagogias como a que propõe Paulo Freire, nas quais os oprimidos em conjunto estabeleçam a forma como ser e agir no mundo.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

3. Agir

É caminhando que se faz o caminho (TITÃS, 2001).

Propor ações é tarefa fundamental para encaminhar nosso trabalho. Fazer o caminho será fundamental para que o ponto final deste nosso texto não marque o fim de uma trajetória. Desejamos que as sugestões aqui apresentadas possam inspirar e colaborar para a Ação e para um contínuo transformar.

Dada a nossa realidade, e considerando que somos um grupo para estudos, olhar a juventude nos fez caminhar e ir construindo o caminho que nos entrega a este compilado de propostas. A população em situação de rua e a educação também nos mostraram e delimitaram o caminho desta pesquisa. Ver e Julgar nos levam ao terceiro passo, Agir.

Reuberson Rodrigues Ferreira (2018), assim descreve o método Ver-Julgar-Agir, criado por Joseph Cardijn:

O primeiro passo do método gestado por Cardijn visa de maneira indutiva refletir sobre a realidade e seus problemas, discernindo-a em vistas de uma ação concreta. No caso da Juventude Operária, a realidade era o mundo do trabalho, suas aflições e problemas. O VER configurar-se-ia, grosso modo, o princípio analítico da metodologia. O segundo passo, inserido na pedagogia cardijniana é norteado pelo aspecto formativo, no confronto entre a realidade-problema e uma segura doutrina (evangelho) capaz de iluminar e ajuizar sobre realidade. O JULGAR é, portanto, o princípio axiológico, avaliativo aplicado à realidade. Por fim, o último momento seria o AGIR. Este passo alocar-se-ia na perspectiva de que a constatação dos fatos/problemas, e o juízo sobre eles deveria implicar naturalmente numa ação. Uma ação que seria, ao mesmo tempo, prática/caritativa, **mas também formativa para o enfrentamento posterior de novos problemas, gerando um movimento cíclico e contínuo de transformação.** (FERREIRA, 2018, p.218, grifo nosso).

As veredas que percorremos ao longo das duas primeiras etapas (Ver e Julgar) nos mostraram a urgência de se colaborar para que os seres humanos que vivem em situação de rua sejam realmente vistos e ouvidos como nossos irmãos e como cidadãos. E também reforçaram a crença na importância de nos unirmos aos jovens em situação de rua para, juntos, aprendermos e buscarmos saídas, que possam contribuir para a transformação desta realidade marcada pela opressão, pelo preconceito e pela exclusão.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Embora não se tenha obtido dados específicos sobre essa juventude, sabemos (com base nas pesquisas que tivemos acesso) que, em 2019, 22,1%, das 23.344 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, tinham entre 18 e 30 anos. Levando em conta que, neste TCC, estamos considerando jovens, as pessoas de 15 a 29 anos, e que o quadro geral se agravou com a pandemia da Covid-19, é possível dizer que mais de 5.159 jovens vivem atualmente nessa condição na capital. Também é possível afirmar que a maioria deles são negros.

Ao refletirmos sobre os possíveis caminhos para a formulação de propostas de ação, logo nos lembramos do trabalho realizado pela Pastoral do Povo da Rua, sob a liderança do padre Júlio Lancellotti.

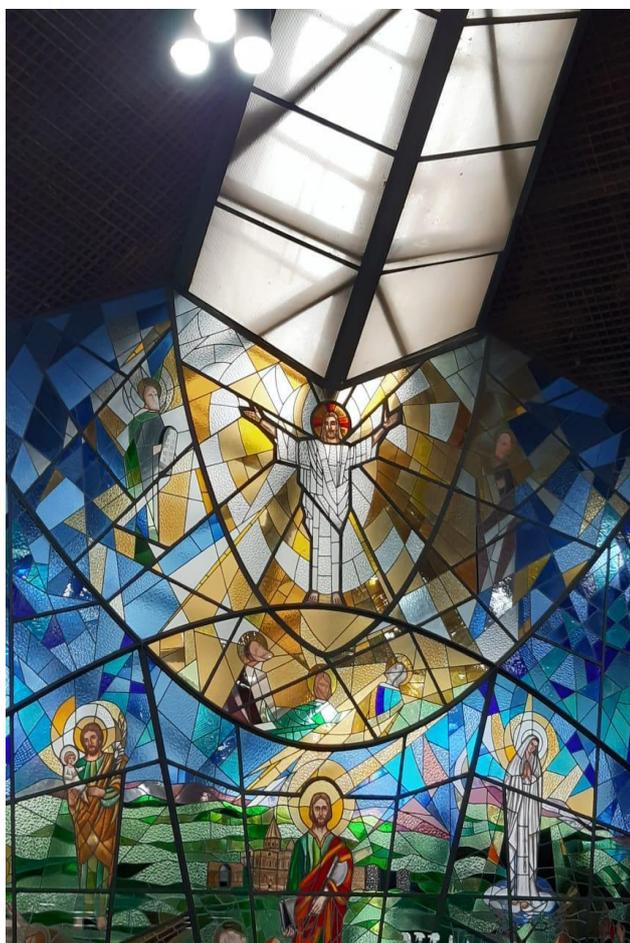
Apresentamos ao padre Júlio a temática do trabalho e manifestamos a vontade de realizar uma ação com a juventude. Então, ele nos convidou a ir ao Núcleo de Convivência São Martinho de Lima, para conversarmos diretamente com os jovens, pois, segundo ele, “O primeiro passo é conviver com essas pessoas”.



Ana Prince e Isabel Regina Felix, representando o grupo, em conversa com padre Júlio Lancellotti, após missa na Capela São Judas Tadeu. 17/10/2021



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo



Vitrail da Capela São Judas Tadeu. 17/10/2021

Um texto publicado há cerca de quatro anos na “Revista Sentido”, traz a perspectiva de padre Júlio acerca da importância da convivência:

A convivência, segundo o padre, é uma forma de garantir a participação dos moradores de rua na construção de propostas, de modo que não sejam formuladas pelas entidades, mas condizentes com a realidade em que vivem. É o que muitos buscam promover. Além de abrigos e organizações que atendem essa população, a própria igreja católica possui um espaço chamado Casa de Oração do Povo de Rua. “Lá, comemos juntos, entendemos o mundo, a linguagem. Nós celebramos com eles e tentamos, no conflito da cidade, construir possibilidades conjuntas. Fazemos atividades diárias, lúdicas. Oferecemos espaço para que façam sua própria comida. Mas não queremos ser algo institucional, como os albergues da prefeitura”, afirma. Júlio critica as regras impostas e costuma dizer que não são os albergues que são da população de rua, mas a população de rua é que é dos albergues. “É como se tivesse uma



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

porta de determinado tamanho e só cabe quem tem aquela altura, quem for mais baixo ou mais alto não entra”. (DIAS, s.d.).

É com base nesse alerta de quem ama e vive junto com os que sofrem nas ruas de São Paulo, que construímos algumas possibilidades de ação.

3.1 Propostas de ação

3.1.1 Na atuação religiosa

Entendemos ser de extrema importância buscar meios para divulgar o tema “Jovens em situação de rua” e sensibilizar as pessoas sobre formas de ajuda aos que lutam para sobreviver nessas condições.

Seguem algumas propostas:

Acompanhar as ações anuais da CNBB

- Estar atentos à temática do dia mundial dos pobres e propor futura Campanha da Fraternidade, com o tema “Fraternidade e Jovens em Situação de Rua”;
- Buscar possibilidades de discussão, quando se tratar de assuntos relacionados ao tema, como educação, políticas sociais e o olhar para os pobres, entre outros.

Em nossa Arquidiocese

- Propor espaços de escuta e diálogo que visem à possibilidade dos irmãos de rua conseguirem estudar, quando assim quiserem, e buscar meios para ajudá-los nesse sentido;
- Verificar a possibilidade de uma campanha Arquidiocesana sobre o tema.

Em nossas paróquias e nas comunidades

- Tratar do tema na celebração do Dia Mundial dos Pobres, acompanhando as propostas da CNBB;
 - Divulgar as ações da Pastoral do Povo da Rua e de outras pastorais que, de alguma forma, têm ligação com o tema “Jovens em situação e rua”, como a Pastoral do Menor;



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

- Criar materiais de divulgação com informações sobre ações e formas de acolhimento às pessoas em situação de rua;
- Possibilidade de criação de roteiros de leigos de grupos de rua para, nas casas, debater esses temas.

Nas ações pessoais

- Buscar acolher, dentro das possibilidades, cada irmão que nos pede ajuda;
- Se necessário, orientá-lo sobre entidades e órgãos que possam auxiliá-lo.

Nos diálogos inter-religiosos ou ecumênicos

- Propor Campanha da Fraternidade Ecumênica, de maneira a amplificar os diálogos e as propostas junto aos jovens em situação de rua.

3.1.2 Celebrações

Sugerimos como outra possibilidade de ação, a realização de celebrações que tenham como foco as pessoas que vivem em situação de rua. Acreditamos ser essa uma forma de chamar a atenção das comunidades para o tema. Nesse sentido, como proposta, deixamos aqui, três modelos de celebrações (católica, ecumênica e evangélica), como inspiração.³

Vamos agradecer a Deus e dividir nossa alegria. Que a força da Palavra iluminada pela luz do Espírito Santo seja fonte de inspiração aos irmãos, para que se compadeçam com a dor do próximo e unindo forças, possamos estender nossas mãos aos mais necessitados.

Celebração Eucarística 30º Semana do Tempo Comum

ACOLHIDA [música: [Javé o Deus dos pobres do povo sofredor](#)]

Irmãos! É com grande alegria que acolhemos todas as famílias em nossa celebração e transmissão.

³ A descrição de um culto evangélico foi colocada no final deste trabalho (ANEXO A), como referência.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

A palavra nos convida à esperança no Deus libertador, Senhor da história, que tem um projeto de vida definitivo para a humanidade. É preciso estar atento aos sinais e revestir-nos de esperança, para não desanimarmos, especialmente na prática do bem e na fidelidade ao Evangelho. Nestes tempos renovemos nossa fé no Senhor que virá, um dia, para restaurar o seu reino de justiça e de paz, e lembremo-nos, sobre tudo, dos pobres. [livro deus conosco - novembro 2021]

ATO PENITENCIAL [música: Pelos pecados]

Hino de Louvor: [música: Glória dos pobres]

Deus nos Fala:

Todo ser humano é portador de dignidade e grande valor perante Deus. Todos foram feitos à Sua imagem e carecemos do Seu amor.

Ouçamos

1º Leitura [Dn 12, 1-3]

Salmo [Sl 15]

2º Leitura [Hb 10, 11-14. 18]

Evangelho [Mc 13, 24-32]

Homilia

Orações dos Fieis

Pai Nosso do Povo de Rua (Thiago Alcântara da Silva)

Pai nosso que estás no Céu e também na Rua,
santificado seja o teu nome,
venha a nós o teu reino,
seja feita a tua vontade,
assim na Terra, como na Rua.

O pão nosso que nos falta a cada dia, nos dá hoje,
perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos
a quem pode nos ajudar e não tem olhado para o oprimido.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

E não nos deixes cair no esquecimento,
mas livrai-nos do descaso.

Pois Teu é o Reino, a Rua, o Povo, a Juventude o Poder e a Glória para sempre.
Amém!

Ofertório [música: Ofertório do povo]

Deus está sempre próximo de nós, ele se faz presente pela palavra, pela fé e pela Eucaristia. Ele deu sua carne para a vida do mundo. Em seu nome devemos viver o amor entre nós.

Cantemos!!!

Comunhão [música: Muito tempo não dura a verdade. (É Jesus esse pão de igualdade)]

Oração pós Comunhão [música: Seu nome é Jesus Cristo e passa fome]

Avisos da Comunidade

Benção final [música: Utopia]

Oração dos fiéis

1. Senhor, que a vossa Santa Igreja presente no mundo inteiro, que ela permaneça em vossa paz e seja fiel cumpridora de sua missão, nós vos clamamos Senhor;

Por vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

2. Senhor, fortalecei nossas Comunidades na vivencia da fé, no compromisso da dignidade da vida, na defesa do direito dos pobres e na solidariedade, nós vos clamamos Senhor;

Por vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

3. Senhores, que todos os governantes sejam tocados pela tua presença, e assim, se voltem também para o Povo de Rua e Jovens que buscam seu lugar no mundo, nós vos clamamos;



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Por vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

4. Senhor, numa sociedade tão doente faça que nossos administradores públicos tenham mais consciência para com o ser humano;

Por vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

Celebração Inter Religiosa (Católica e Evangélica)

Cântico de entrada [música: [Canção Ecumênica, Pe. Zezinho](#)]

Abertura

Mesmo se o dia for nublado, o sol sempre brilhará em sua vida. Acredite!

Às vezes é preciso chover ou cair uma tempestade em nossas vidas, para que saibamos que existe a luz do sol e de DEUS, para iluminar nossas vidas e fazer brilhar novamente, nosso sorriso e aquecer nossos corações! [[Gilberto Braga celebrante ecumênico](#)]

Saudação aos presentes

Graça e Paz!

Irmãos sejam bem vindos. Aqui reunidos, celebramos a vida e a união. E em gratidão a Jesus Cristo Nosso Salvador, iniciaremos nossa celebração.

Leitura Bíblica

Êxodo 20:1-3 [[sugestão](#)]

Salmo 08 [[sugestão](#)]

1 Coríntios 12,4-11[[sugestão](#)]

Mateus 28, 19-20 [[sugestão](#)]

Ciclo de pregações (ordem a definir);

Mensagem final.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Fraternidade e diálogo - é o que nós une nesta celebração, que tem como intuito partilhar da plenitude do Espírito Santo.

Culto Evangélico (CBB Convenção Batista Brasileira)

Adoração [música: Tremenda Graça]

Leitura [sugestões]

Crônicas 29.29

Atos 8. 27, 10. 25-26

Mateus 25:41

Oração [espontânea] (Thiago Alcântara da Silva)

Pai nosso que estás no Céu e também na Rua,

santificado seja o teu nome,

venha a nós o teu reino,

seja feita a tua vontade,

assim na Terra, como na Rua.

O pão nosso que nos falta a cada dia, nos dá hoje,

perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos

a quem pode nos ajudar e não tem olhado para o oprimido.

E não nos deixes cair no esquecimento,

mas livrai-nos do descaso.

Pois Teu é o Reino, a Rua, o Povo, a Juventude o Poder e a Glória para sempre.

Amém!

Doação.

Pregação. [Pastor] [música: Eu vou construir]

Adoração [música: Teu amor não falha]

Benção Final



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

3.1.3 Conviver com os jovens em situação de rua

Considerando o importante chamado feito pelo padre Júlio Lancellotti, cremos que nossa proposta deva conter a convivência com os jovens em situação de rua. Vale repetir o trecho que transcrevemos anteriormente do artigo de Reuberson Rodrigues Ferreira (2018), sobre a definição de ação: “seria, ao mesmo tempo, prática/caritativa, mas também formativa para o enfrentamento posterior de novos problemas, gerando um movimento cíclico e contínuo de transformação”. Essa convivência nos mostrará os caminhos. E, nesse trajeto, cientes da complexidade dos problemas, mas também firmes na fé e na esperança, sabemos que a transformação acontecerá em todos nós, graças ao poder do encontro.

Nesse sentido, propomos a realização de visitas periódicas ao Núcleo de Convivência São Martinho de Lima, visando conviver com os jovens que ali são acolhidos, saber das dificuldades enfrentadas, das razões de estarem naquela condição, dos sonhos vivos ou adormecidos etc. Essa presença no Núcleo também nos ajudará a conhecer os projetos desenvolvidos pela Pastoral do Povo da Rua, por outras pastorais e entidades, que atuam junto a pessoas em situação de rua, e identificar como pretendem atuar nos próximos anos. Esse contato com as diversas entidades, sobretudo as pastorais, é fundamental. Precisamos reconhecer o trabalho realizado, os saberes e as experiências acumuladas e, com humildade, partilhar nossas ideias de projetos. E ir construindo nosso caminho em conexão com os caminhos já traçados pelos demais. Não faz sentido nos aproximarmos com a pretensão de levar algo “pronto”. Sem essa convivência prévia, podemos, inclusive, correr o risco de propor algo que já se encontra em execução ou em planejamento. No entanto, podemos indicar algumas possibilidades de projetos, que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho de conclusão de curso. São eles: Educação Popular e Rodas de Terapia Comunitária (TC).

3.1.3.1 Educação Popular

Frei Betto (1985) nos diz que as Comunidades Eclesiais de Base “não se fecham em si, questões levantadas nas reuniões raramente deixam de ser questões



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

sociais, ligadas à sobrevivência das classes populares”, e nossa proposta leva essa percepção consigo. A Educação Popular é um dos focos da proposta, pois em conversa com o Padre Júlio Lancellotti, uma das maiores lideranças a trabalhar com pessoas em situação de rua, vemos que a vulnerabilidade a que estas pessoas estão submetidas, é uma questão profundamente social e, como tal, tem múltiplos fatores que a influenciam e que precisam ser tocados, para que essa vulnerabilidade seja revertida.

Considerando que nosso tema é “Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo”, acompanhar e fortalecer trabalhos como o do padre Júlio é fundamental, pois como nos lembra Paulo Freire (1987):

O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos. Desde os métodos repressivos da burocracia estatal, à sua disposição, até as formas de ação cultural por meio das quais manejam as massas populares, dando-lhes a impressão de que as ajudam.

Educar e trabalhar dentro dos princípios freirianos é trazer para a nossa proposta a luta por uma sociedade mais justa e democrática, na qual as classes desfavorecidas tomam consciência de suas próprias condições e também das raízes destas condições.

As palavras de Paulo Freire (1987) – já destacadas anteriormente, na parte do Julgar – revelam ainda mais a importância da liderança popular exercida pelo padre Júlio:

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente.

Assim, acompanhar os trabalhos com a população de rua e fortalecer estes trabalhos está dentro de uma perspectiva libertadora. Cremos ser esse o caminho natural, diante do que pesquisamos e expusemos nas partes relativas ao Ver e ao Julgar.

Temos por conta o princípio que Paulo Freire (1987) coloca para nós: quando os oprimidos estão “unificados e organizados (...) farão de sua debilidade força transformadora, com que poderão recriar o mundo, tornando-o mais humano”.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

E novamente reforçando os princípios populares norteadores para a ação, entendemos que a educação deve ser concebida e construída como prática de liberdade. Assim, é importante pensar em uma ação com o povo e nunca sobre ou simplesmente para o povo.

3.1.3.2 Terapia Comunitária (TC)

Terapia (do grego: therapeia) é uma palavra que significa acolher, ser caloroso, servir, atender.

A Terapia Comunitária (TC), criada e difundida por Adalberto Barreto, é definida como um ato terapêutico de grupo, que tem como base o estímulo para a construção de vínculos solidários e para a vida. Ela é voltada, sobretudo, para grupos que vivem em situação de vulnerabilidade e de exclusão social. Requer que os facilitadores (os terapeutas comunitários) sejam treinados, mas não exige nenhuma formação acadêmica.

É um espaço de promoção de encontros interpessoais e intercomunitários objetivando a valorização das histórias de vida dos participantes, o resgate da identidade, a restauração da autoestima e da confiança em si, a ampliação da percepção dos problemas e possibilidades de resolução a partir das competências locais. [...] parte do pressuposto de que o sofrimento humano, decorrente do macro contexto socioeconômico e social fere a dignidade da pessoa, atinge seus direitos como cidadão, gerando extremos de patologia social e adoecimento. (BARRETO, 2019, p. 33 e 35)

Nas rodas de Terapia Comunitária, os participantes apresentam uma situação problema (vícios, depressão, insônia etc). Em seguida, o grupo escolhe uma das situações apresentadas para serem trabalhadas na roda. O terapeuta, então, busca articular as múltiplas dimensões do problema (biológica, psicológica, social e política) e segue estimulando, no grupo, “o crescimento do indivíduo e das pessoas mais próximas a ele, para adquirir um maior grau de autonomia, consciência e corresponsabilidade”. (BARRETO, 2019, p. 33).

Nesse processo, os vínculos entre as pessoas da comunidade são reforçados, os recursos e as competências culturais locais são mobilizados, uma rede social de proteção e inserção é tecida. Respeita-se a cultura de cada um, colabora-se para que as pessoas se sintam pertencentes à comunidade, promove-se a saúde



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

comunitária e a cultura da paz. Estimula-se a criação de uma nova consciência social e a descoberta das potencialidades transformadoras. (BARRETO, 2019).

Adalberto Barreto enfatiza que a referência para a situação de ensino-aprendizagem que caracteriza a Terapia Comunitária é a pedagogia de Paulo Freire e que a função do terapeuta comunitário se aproxima da função do educador. Nesse aspecto, Barreto destaca o que é imprescindível ao educador (na perspectiva de Freire), entre elas: criticidade, respeito aos saberes, consciência do inacabamento, respeito à autonomia, humildade, esperança, rejeição à discriminação, reflexão crítica sobre a prática e convicção de que a mudança é possível.

A TC é um espaço de aprendizagem coletiva e o terapeuta, assim como o educador, aprende quando pratica a escuta ativa. Quando fala de si mesmo e quando ouve o outro, ensina e aprende.

Assim, entendemos que a Terapia Comunitária é um recurso que pode ser trabalhado com os jovens em situação de rua. As rodas, antes de qualquer coisa, são espaços de convivência, como nos chamou a atenção o padre Júlio Lancellotti.

3.1.3.3 Criando redes para implementação de espaços de Educação Popular e Terapia Comunitária

Um aspecto que nos parece essencial para a implementação dos projetos de Educação Popular e Terapia Comunitária é o empenho na construção de vínculos e de redes: com os jovens, com a Pastoral do Povo da Rua, com outras pastorais e entidades, com educadores populares, com terapeutas comunitárias etc. O relacionamento com escolas de formação de TC, por exemplo, pode facilitar parcerias, de maneira que terapeutas comunitários realizem seus estágios com os jovens em situação de rua.

Quando se acredita que outro mundo é possível, estamos cientes que nós, enquanto indivíduos, temos grandes responsabilidades. Mas, também sabemos do poder da coletividade. cremos que nossos sonhos, desenhados neste trabalho de conclusão de curso, poderão se tornar realidade se contarmos com a força do coletivo, tecendo teias de solidariedade e apoio mútuo.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Nessa caminhada, todos terão aprendido e todos terão participado desse mutirão para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

O nascimento da rosa

O olhar do menino amarelo de fome lhe pede comida.
E, por um instante, a fome da mulher por justiça
se perde no vazio do não saber ser mulher.

O vermelho, naqueles minutos de falta, devagar extravasa.
E a mulher, não sabendo quem é, não sente o fluído calor,
não percebe o começo da dor que lhe toma e se alastra.

Ela se afasta.

Seus pés, acostumados a andar e a pensar,
em pensamentos, distancia do menino a mulher.
É que seu corpo deseja saber aonde o vazio vai chegar.

Ela acredita estar indo pra casa.

A lua nova lhe atrai na manhã de sol azulada.
Chega a vertigem, o incômodo e a contração dolorida.
A respiração se acelera, a pele se esquentava e se esgarça,

Alguém, em sussurros, lhe fala.

Os pés lhe chamam, estão encharcados e quentes.
O vermelho vivo lhe escorre pelas pernas trementes.
E para salvar o que nela mora, a mulher se volta.

Retorna.

A dor forte lhe toma e lhe põe de cócoras.
Ela quer acolher em seu colo o menino,
que se chama Jesus, que passa fome e chora.

A mulher escolhe.

Recebe nas mãos e em toda a sua alma
a cabeça do menino frágil, sofrido e triste.
Jesus lhe pede que reze por ele - ela acolhe.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

O fluxo vermelho cessa
- a mulher volta pra casa.

Seu corpo todo, por amor, pulsa e chora.
Sua alma sabe que dentro dela
uma semente se fixa, brota e cresce.

Floresce.

E em pouco tempo, uma rosa vermelha
no coração da mulher se abre.

E nasce.

** Poema escrito em setembro de 2019, após um encontro, por acaso, com um jovem de 20 anos de idade, em situação de rua. Ele se chama Jesus. Quando lhe perguntei se precisava de alguma ajuda, Jesus abaixou a cabeça e chorou. Depois, pediu que eu rezasse por ele. De 2019 para cá já o encontrei, também por acaso, cinco vezes. No penúltimo encontro, ele se mostrava mais animado, estava morando com sua irmã. Na última vez que nos vimos, Jesus estava novamente na rua. Disse que queria trabalhar e voltar a estudar. Eu o apoiei e busquei algumas alternativas. Mas, ele desapareceu... Sigo rezando por ele.*

Isabel Regina Felix



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

ANEXO A - O que é um Culto?

A palavra “culto” deriva do Latim e consiste em adorar ou homenagear a Deus. É certo que para ocorrer o culto, é necessária alguma ordem nos acontecimentos da cerimônia. Na tradição evangélica, cada denominação é livre para escolher, de acordo com sua teologia, a ordem de prosseguimento de seu culto. Segundo a CBB (Convenção Batista Brasileira), um culto necessita dos seguintes atos:

1. Adoração

O culto se inicia com o momento de adoração, que geralmente é feito através de louvores, dos quais as mensagens nos apropriamos e recitamos para Deus como se fossem nossos próprios pensamentos ou palavras, afirmando quem Deus é e o que Ele faz.

2. Leitura das Escrituras.

Após a adoração, ocorre a leitura de alguns versículos da Escritura, como forma de introduzir a comunidade na Palavra.

3. Oração.

Depois da leitura das Escrituras, se inicia o momento de oração, que é feita por algum voluntário da igreja. A oração é espontânea, sendo um dos momentos mais importantes do culto, pois é onde abrimos nosso coração com todas nossas inquietudes, inseguranças, alegrias, gratidões e nos conectamos com Deus. A oração pode ser feita em pé, de joelhos ou em qualquer posição corporal que você se sinta confortável.

4. Doação.

Esse momento serve para expressarmos nossa gratidão pelo que Deus tem feito em nossas vidas e para expressarmos nossa generosidade com o próximo. Digo isso, pois o fim da benção concedida por Deus a nós, é a benção do próximo. Somos abençoados para nos tornamos abençoadores. A doação não precisa ser necessariamente financeira, mas pode ser qualquer forma de entrega física, espiritual etc. que vise o bem do outro.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

5. Pregação.

A pregação geralmente é feita por um pastor, sendo o centro do culto. Nesse momento, a Escritura é lida com maior profundidade e é apresentado um sermão desenvolvido pelo pastor. O sermão deve confrontar nossa realidade e nos confortar com o amor de Deus.

Após a pregação, ocorre outro momento de adoração e por fim a benção final, concedida pelo pastor que realizou o culto. Se houver algum recado, geralmente eles são dados ao final da cerimônia. A Convenção indica que ao dirigir o culto, as ligações devem ser feitas sem muito falar, e sem muito anunciar o que irá ser realizado.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

Referências

SP Invisível. Disponível em: <https://www.spinvisivel.org/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Anjos da noite. Disponível em: <https://www.anjosdanoite.org.br/>. Acesso em 26 ago. 2021.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Pastoral do menor**. Disponível em: <https://arquisp.org.br/organizacao-pastoral/coordenacao-pastoral-do-servico-da-caridade-justica-e-paz/pastoral-do-menor/missao>. Acesso em: 22 out. 2021.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária - passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2019.

Bem da madrugada. Disponível em: <https://www.bemdamadrugada.org/>. Acesso em 26 ago. 2021.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOEHM, Camila. **Jovens em situação de rua ficam mais vulneráveis durante a pandemia** - Violação de direitos aumenta nesse período, revela pesquisa. Agência Brasil - São Paulo. 27 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/fragilidade-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua-cresce-na> Acesso em: 27 ago. 2021.

BRANDÃO, Renato e MONTAIA, Paulo. **Pastoral do Povo da Rua de São Paulo é uma comunidade, diz missionária**. Agência Brasil. 22 dez. 2007. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2007-12-22/pastoral-do-povo-da-rua-de-sao-paulo-e-uma-comunidade-diz-missionaria>. Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_205_.asp Acesso em: 25 de agosto de 2021

DIAS, Guilherme Soares. **O padre do povo de rua**. Revista Sentido. S.d. Disponível em: <http://revistasentido.com/o-padre-do-povo-de-rua/>. Acesso em: 22 out. 2021.

Dois pães e um pingado. Disponível em: https://www.instagram.com/doispaeseumpingado_sp/. Acesso em: 26 ago. 2021.
Fundação Projeto Travessia. Disponível em: <https://www.travessia.org.br/>. Acesso em 27 ago. 2021.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Para Francisco. **Pensar – Revista eletrônica da FAJE**. V 7. n 2. 2016. Disponível em:



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3649/3750>. Acesso em: 6 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ISTO É. Papa Francisco pede que pessoas 'parem de julgar os outros'. Disponível em: <https://istoe.com.br/papa-francisco-pede-que-pessoas-parem-de-julgar-os-outros/>. Acesso em: 27 set. 2021.

LARRAÑAGA, Inácio. **O irmão de Assis**. São Paulo: Paulinas, 1998.

LÖWY, Michel. O catolicismo latino-americano radicalizado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3 (5), Abr. 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000100005>. Acesso em: 26 set. 2021.

LUSTOSA LOPES, Antonio de Lisboa e PERTILE, Cassiano Alberto (2020). O Método Ver-Julgar-Agir: genealogia e sua relação com a Teologia da Libertação. **Razão e Fé**, 22(2), 33-43. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/2897/1748>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MUNIZ, Caroline Pereira. **De coração em coração**. Entrega total à Maria para uma perfeita consagração a Jesus por meio da Igreja. Roma, Itália: Locus Mariologicus, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#III. A partir do cora%C3%A7%C3%A3o do Evangelho. Acesso em: 6 set. 2021.

_____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit**. Para os Jovens e Para Todo o Povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 1ª Edição, 2018.

_____. **Carta encíclica Laudato Si'**. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 6 sete. 2021.

PEREIRA, José António Correia. **Santa Clara de Assis - Época, carisma e espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo** - Produto IX - Relatório final da pesquisa amostral do perfil Socioeconômico. São Paulo: 2019. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Produtos/Produto%209_SM ADS_SP.pdf Acesso em: 12 ago. 2021.



Jovens em situação de rua na cidade de São Paulo

_____. **Prefeitura divulga pacote de ações para população em situação de rua.** 2020a.

Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-divulga-pacote-de-acoes-para-populacao-em-situacao-de-rua> Acesso em: 12 ago. 2021.

_____. **Coordenação de Proteção Social Básica.** 2020b.

Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=1907 Acesso em: 12 ago. 2021.

_____. **Coordenação de Proteção Social Especial.** 2020c.

Disponível em: Acesso em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_especial/index.php?p=17335
12 ago. 2021.

Projeto Quixote. Disponível em www.projetoquixote.org.br. Acesso em 27 ago. 2021.

RODRIGUES, Igor. Políticas públicas para cidadãos em situação de rua são um castelo de areia. Entrevista, 7 mai.2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/598680-politicas-publicas-para-cidadaos-em-situacao-de-rua-sao-um-castelo-de-areia-entrevista-especial-com-igor-rodrigues> Acesso em: 26 ago.2020

SÃO PAULO. **Lei nº 12.316, de 16 de abril de 1997.** Dispõe sobre a obrigatoriedade do poder público municipal a prestar atendimento à população de rua na Cidade de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal, [1997]. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-12316-de-16-de-abril-de-1997/> Acesso em: 25 de agosto de 2021

_____. **Lei nº 17.252 de 26 de dezembro de 2019.** Consolida a Política Municipal para a População em Situação de Rua, institui o Comitê Intersectorial da Política Municipal para a População em Situação de Rua e dá outras providências. São Paulo: Prefeitura Municipal, [2019]. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17252-de-26-de-dezembro-de-2019> Acesso em: 25 de agosto de 2021

_____. SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. **Plano Municipal de Políticas Para a População em Situação de Rua.** São Paulo: Prefeitura Municipal, 2016.

TITÃS. **A Melhor Banda De Todos Os Tempos Da Última Semana.** Rio de Janeiro: Abril Music, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I29JUuotXG4> Acesso em: 25 out. 2021.